

OBESIDADE INFANTIL: CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS E INFLUÊNCIA FAMILIAR – UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Gabriella Fernandes PRADAS^{1*}; Ingrid Alves Sobrinho DA SILVA²; Maria Clara Machado CAMPOS³; Camila PUGLIESE⁴; Vera Silvia FRANGELLA⁵

1. Pós-graduanda no curso de Nutrição - Centro Universitário São Camilo - gabriella.pradas@aluno.saocamilo-sp.br. 2. Pós-graduanda no curso de Nutrição - Centro Universitário São Camilo - ingrid.sobrinho.silva@aluno.saocamilo-sp.br. 3. Pós-graduanda no curso de Nutrição - Centro Universitário São Camilo - maria.machado.campos@aluno.saocamilo-sp.br. 4. Docente no curso de Nutrição - Centro Universitário São Camilo - camila.pugliese@hc.fm.usp.br. 5. Coordenadora do curso de Nutrição - Centro Universitário São Camilo - nutriclinica@saocamilo-sp.br.

RESUMO: A Organização Mundial da Saúde (OMS) projetou que até 2025, sem reversão da tendência atual, haverá 75 milhões de crianças obesas. A obesidade infantil não apenas afeta a saúde física, mas também o bem-estar psicossocial, predispondo a problemas como depressão, ansiedade, baixa autoestima e imagem corporal negativa. A influência dos pais nos hábitos alimentares e a relevância da educação nutricional para prevenir e tratar a obesidade infantil são fundamentais. Neste estudo, realizou-se uma revisão narrativa da literatura entre 2017 e 2023 sobre as consequências psicossociais da obesidade infantil e a influência parental nos hábitos alimentares, analisando 23 estudos. Os resultados mostraram a importância da educação nutricional na prevenção e tratamento da obesidade infantil, bem como a necessidade de envolver os pais no processo. A discussão aborda a influência dos pais no comportamento alimentar das crianças e as consequências psicossociais da obesidade infantil. Conclui-se que a prevenção e tratamento da obesidade infantil devem ser abordados de forma integrada, envolvendo a família e a educação nutricional.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Obesidade. Psicossocial. Adolescente.

INTRODUÇÃO

Influenciado por fatores genéticos, biológicos, psicossociais e comportamentos de saúde, o excesso de peso na infância é um problema complexo de saúde pública que afeta a maioria dos países em desenvolvimento (Smith; Fu; Kobayashi, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que se até o ano de 2025 não existir uma reversão da situação atual, contaremos com 75 milhões de crianças obesas (Santos; Silva, 2020).

Os riscos de excesso de peso durante a infância geralmente persistem na adolescência e na idade adulta, predispondo as crianças a várias doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como problemas cardíacos, derrame, diabetes e algumas formas de câncer. O funcionamento psicossocial de crianças obesas também fica comprometido tornando-as mais propensas a problemas psicológicos como depressão, ansiedade, baixa autoestima e imagem

corporal negativa afetando a qualidade de vida (Sagar; Gupta, 2018).

Além de ser considerada fora dos padrões ideais de beleza, a criança obesa passa por várias situações constrangedoras, as quais podem até desencadear quadros de depressão (Santos; Silva, 2020).

O comportamento alimentar se estabelece em idades precoces e os hábitos alimentares durante a vida refletem não só o hábito adquirido durante a infância, mas o ambiente onde se deu esse aprendizado (Mahmood et al., 2021).

O estilo de vida familiar interfere na forma com que a criança irá interagir com o mundo. Do mesmo modo que a criança aprende a falar e a andar, ela irá aprender a alimentar-se bem ou mal, a brincar, a jogar bola ou a ficar muitas horas assistindo televisão. Tudo irá depender de como pais ou cuidadores mostram e ensinam (Rodrigues, 2021).

A obesidade infantil é um problema de saúde pública que traz consigo não apenas impactos físicos, mas também consequências psicossociais significativas, como depressão,

ansiedade, baixa autoestima e imagem corporal negativa (Santos; Silva, 2020). A influência dos pais na formação dos hábitos alimentares desde a infância é fundamental, podendo contribuir para o desenvolvimento de uma relação saudável com a comida. A educação nutricional desempenha um papel crucial na prevenção e tratamento da obesidade infantil, promovendo hábitos alimentares saudáveis e uma melhor qualidade de vida.

Dessa forma, observa-se a necessidade de compreender e evidenciar as consequências psicossociais da obesidade infantil, a influência dos pais no comportamento alimentar das crianças e a importância da educação nutricional nesse contexto.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura do tipo narrativa, que possui caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de determinado assunto, com a finalidade de respaldar o embasamento teórico mediante análise da produção científica existente. Foram incluídas referências extraídas das seguintes bases de dados: United States National Library of Medicine (PubMed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores utilizados foram: “*child*”, “*obesity*”, “*psychosocial*”, “*adolescente*” e “*food and nutrition education*”.

A Figura 1 apresenta as 4 etapas metodológicas: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão das referências bibliográficas, as quais foram ordinariamente seguidas pelos pesquisadores. A primeira etapa consistiu na identificação de artigos nas bases de dados citadas, os quais foram triados inicialmente pelo título. Na segunda etapa realizou-se a leitura dos resumos e foram selecionados os artigos dentro do tema proposto. Na etapa de elegibilidade fez-se a compilação e leitura dos textos na íntegra; a última etapa

compreendeu a sistematização dos dados com a finalidade da construção da tabela dos resultados.

Para os critérios de inclusão incluiu-se os artigos publicados entre os anos de 2017 e 2023, nos idiomas inglês, espanhol e português, a faixa etária de 8 a 12 anos de idade e que versavam sobre o tema central do trabalho. O recorte temporal justifica-se pelo fato da intenção de apresentar as discussões mais recentes pertinentes ao tema. Foram considerados os estudos referenciados pelos artigos selecionados e que preenchiam os critérios de seleção, além de revisões sistemáticas. Foram excluídos os trabalhos que divergiam do objetivo desse estudo, bem como os realizados em adultos (8), fora do período do estudo (3) e texto completo indisponível (1).

Os estudos selecionados foram tabulados por: ano, objetivos, principais resultados encontrados e conclusão (Tabela 1). Posteriormente, realizou-se uma síntese e análise crítica dos trabalhos.

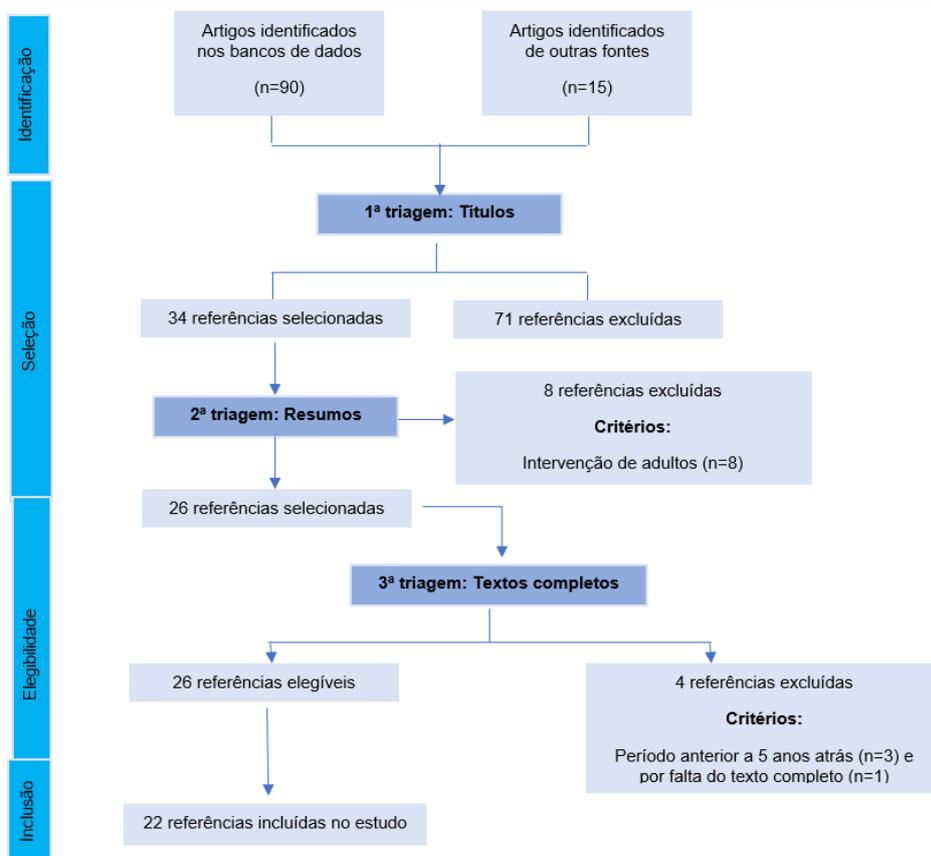
RESULTADOS

Foram identificados inicialmente 105 trabalhos nas bases de dados eletrônicas. Após refinamento por título, selecionaram-se 34 resumos. Os estudos potencialmente relevantes ao tema tiveram o texto completo adquirido para análise detalhada quanto aos critérios de elegibilidade.

Por fim, a síntese descritiva foi composta por 22 referências, cujo período de publicação estiveram entre 2017 e 2023.

Dos trabalhos selecionados, um deles foi realizado na Índia e dois em Madrid, Espanha. A Tabela 1 apresenta por ordem de data de publicação, uma breve descrição de todas as referências mediante os seguintes itens: autor(es), ano de publicação, objetivos, resultados e conclusão.

Figura 1. Etapas metodológicas para seleção e análise de artigos científicos



Fonte: Próprio Autor.

O trabalho realizado na Índia revela uma associação entre psicopatologia e obesidade infantil. Uma grande amostra populacional de 421 crianças obesas foi avaliada no *Childhood Psychopathology Measurement Schedule* (CPMS, 1988) e a prevalência de psicopatologia foi encontrada em 44,2% das crianças obesas em comparação com apenas 13,8% das crianças não obesas. Alguns grupos específicos, como adolescentes do sexo feminino, grupo de obesos clínicos e crianças com obesidade grave e crônica, apresentaram risco de desenvolver problemas psiquiátricos comórbidos.

No estudo de Ortega et al. (2022) realizado na Espanha com crianças de 06 a 09 anos foi possível analisar que 40,6% das crianças estão com excesso de peso. Vários aspectos sociodemográficos foram considerados, como inatividade física e sedentarismo, o que podem aumentar o risco de adiposidade central.

De acordo com o estudo de Sepúlveda et al. (2019), no público compreendendo a idade média de 10 anos, para os marcadores psicossociais, 48% dos pré-adolescentes com obesidade apresentaram diagnóstico do DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014), tornando necessário desenvolver programas preventivos para a obesidade infantil.

Sagar e Gupta (2018) não identificaram ligação causal direta entre obesidade e depressão em adolescentes. No entanto, caminhos indiretos e experiências como eventos estressantes da vida e provocações baseadas no peso podem se tornar os fatores que contribuem para o desenvolvimento da depressão em adolescentes.

Tabela 1. Estudos incluídos na amostra entre 2017 e 2023

ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONCLUSÃO
Anderson; Keim (2017)	Descrever as evidências epidemiológicas que ligam as relações pais-filhos, auto-regulação e status de peso com foco na primeira infância.	A promoção de relacionamentos positivos entre pais/ cuidadores e crianças pequenas é promissora como um componente dos esforços para prevenir a obesidade infantil e reduzir a alta carga de impactos na saúde relacionados à obesidade.	Muitos aspectos da autorregulação podem ser avaliados em crianças em idade pré-escolar. O controle inibitório tem sido mais frequentemente estudado no contexto da obesidade infantil.
Sagar; Gupta (2018)	Propor uma visão abrangente baseada em evidências sobre os fatores psicológicos e psiquiátricos (depressão, ansiedade, transtorno alimentar, estresse, preocupações com a forma corporal, baixa autoestima) associados à obesidade infantil que podem ser utilizados na avaliação e gestão desta epidemia que é a obesidade.	Alguns grupos específicos, como adolescentes do sexo feminino, grupo de obesos clínicos e crianças com obesidade grave e crônica, apresentaram risco de desenvolver problemas psiquiátricos comórbidos.	Nem todas as crianças obesas apresentam problemas psicossociais.
Norman et al. (2018)	Explorar a variação de como os pais com baixo nível socioeconômico influenciam os comportamentos alimentares de seus filhos.	Foram encontradas cinco categorias de orientação dos hábitos alimentares das crianças que vão desde a orientação silenciosa até a imposição. As categorias de orientação foram estruturalmente relacionadas entre si por meio do impacto positivo a negativo do reconhecimento parental da responsabilidade pelos comportamentos da criança, nível de confiança na resposta de saciedade da criança e nível de sofrimento emocional dos pais.	Sugestões para estratégias de intervenção são fornecidas acerca de foco específico no reconhecimento da responsabilidade parental, auto-regulação emocional, aumento da capacidade de resposta e cooperação entre os pais são destacados.
Mendes; Bastos; Moraes (2019)	Realizar uma revisão sistemática sobre sintomas de depressão, ansiedade e relações familiares de crianças obesas	Obesidade infantil leva à várias implicações. Tanto os aspectos fisiológicos quanto os psicológicos, podem acarretar prejuízos uma vez que há indicativos de correlações entre a ansiedade, a depressão, as relações familiares e a obesidade infantil.	O excesso de tecido adiposo em crianças está associado a desafios sociais e emocionais, como bullying, isolamento, tristeza, depressão e baixa autoestima, destacando a importância de abordar esses aspectos para promover a saúde mental e o bem-estar das crianças.
Sousa (2019)	Compreender os fatores psicossociais desencadeados pela obesidade infantil e sua relação com a autoestima e o comportamento alimentar, além de analisar o impacto da obesidade infantil na depressão, destacando a influência do ambiente familiar nesses aspectos.	Os hábitos alimentares adquiridos na infância são influenciados pelas práticas alimentares dos pais, o que tem contribuído para o aumento dos índices de crianças obesas devido aos maus hábitos alimentares.	Importância do nutricionista, promovendo a reeducação alimentar e mudanças comportamentais, envolvendo toda a família no processo de mudança.

ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONCLUSÃO
Rendina et al. (2019)	Identificar os fatores que contribuem significativamente para a criação de um ambiente obesogênico em torno de crianças e adolescentes.	Os questionários elaborados e validados para analisar vários elementos-chave do ambiente de obesidade são complexos e requerem a administração por profissionais qualificados e treinados.	O uso de questionários simples parece ser a melhor estratégia para analisar vários elementos-chave do ambiente de obesidade, eliminando (ou pelo menos minimizando) a possibilidade de erros devido às más interpretações na ausência de um interlocutor físico
Sutaria et al. (2019)	Comparar as chances de depressão em crianças obesas e com sobrepeso com crianças com peso normal na comunidade	A obesidade infantil está associada a um maior risco de depressão em comparação com crianças com peso normal. Estudos mostraram que crianças obesas têm uma chance maior de desenvolver depressão tanto agora quanto no futuro.	Os médicos devem considerar a triagem de crianças obesas do sexo feminino para sintomas de depressão.
Bergmeier et al. (2020)	Propor um modelo conceitual que descreva os caminhos diádicos precoces mãe-filho ligando as interações de alimentação pais-filhos ao índice de massa corporal da criança, onde as relações pai-filho têm um papel central.	Compreender os padrões interacionais de alimentação precoce entre pais e filhos e sua influência na autorregulação e nos comportamentos alimentares da criança pode ser relevante para abordagens multidisciplinares na prevenção da obesidade infantil.	O modelo proposto considera fatores para construir perfis protetores de comportamentos alimentares infantis, informando estratégias familiares de prevenção da obesidade.
Smith; Fu; Kobayashi, (2020)	Entender a etiologia da obesidade infantil, as intervenções preventivas e opções de tratamento para sobrepeso e obesidade, e as complicações médicas e condições psicológicas concomitantes.	De acordo com o estudo, existem intervenções baseadas em evidências disponíveis para todas as fases do desenvolvimento, desde o nascimento até os 18 anos. Algumas das intervenções possíveis incluem: Intervenções comportamentais, como aconselhamento nutricional e atividade física. Intervenções estruturais, como mudanças no ambiente construído para promover atividade física e acesso a alimentos saudáveis. Intervenções ambientais, como políticas públicas para melhorar a qualidade dos alimentos e bebidas disponíveis em escolas e comunidades. Intervenções biomédicas, como medicamentos e cirurgia bariátrica em casos graves de obesidade infantil.	Desafios em conectar as causas, desenvolvimento e alvos de intervenção sobre a obesidade infantil. Psicólogos têm um papel importante na pesquisa desse problema complexo, e equipes transdisciplinares são necessárias para haver avanço.
Dos Santos; Da Silva (2020)	Refletir sobre a discriminação, preconceito e exclusão em relação à obesidade infantil e como pode ser um fator de risco à saúde psicológica com impactos sociais.	Existe uma grande associação a comportamentos negativos de preconceito, exclusão, discriminação, rejeição quando se trata de indivíduos com obesidade desde sua infância.	A obesidade não traz só problemas fisiológicos ao indivíduo, mas também vem acompanhada de prejuízos psicológicos e sociais.

ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONCLUSÃO
Rao et al. (2020)	Examinar a prevalência de depressão clínica entre crianças com sobrepeso e obesas.	Crianças e adolescentes obesos tiveram um risco significativamente maior de transtornos mentais comparação com controles saudáveis.	Considerando os resultados negativos para a saúde da depressão, exames regulares, medidas eficazes, como educação pública, exercícios físicos regulares e dietas saudáveis, devem ser tomadas para reduzir o risco de obesidade em crianças e adolescentes
Costa et al. (2021)	Analisar as possíveis repercussões que a obesidade infantil pode acarretar à criança.	Há uma forte associação entre a obesidade infantil e implicações psicossociais, como depressão e baixa autoestima. Fatores como cultura, ambiente familiar e convívio social desempenham um papel na estigmatização, vitimização e preconceito em relação às crianças obesas.	Torna-se necessário o fortalecimento de ações multiprofissionais com o intuito de minimizar os danos e contribuir para o bem-estar e saúde dos indivíduos obesos.
De Faria (2021)	Verificar como hábitos e comportamentos dos familiares podem elevar o índice da obesidade; levantar dados sobre a percepção dos pais e em relação ao sobre peso de seus filhos.	A família exerce um papel muito importante no contexto da obesidade infantil, por ser a responsáveis pelos hábitos alimentares e de estilo de vida das crianças. A percepção da obesidade dos filhos é percebida pelos pais, mas a mãe muitas vezes minimiza o problema e causa uma dificuldade no processo de reeducação alimentar e comportamental.	O estudo da percepção dos pais sobre a alimentação e atividade física de seus filhos obesos pode melhorar o entendimento do ambiente familiar da criança, fornecendo uma base para estratégias eficazes no combate à obesidade infantil. Isso pode levar a ações e políticas que promovam estilos de vida saudáveis e melhorem a qualidade de vida das crianças obesas e suas famílias.
Mahmood et al. (2021)	Investigar os comportamentos alimentares dos pais e das crianças e fornecer evidências para a possível influência dos hábitos alimentares dos pais, comportamentos e práticas dietéticas sobre os hábitos alimentares de certas crianças.	As refeições em família foram as que mais contribuíram para modelar os hábitos alimentares das crianças. As práticas parentais que mais influenciaram seus filhos foram a modelagem e a restrição moderada, sugerindo que o aumento do encorajamento parental e a diminuição da pressão excessiva poderiam ter um impacto positivo nos comportamentos alimentares de seus filhos.	Os comportamentos parentais de alimentação infantil devem receber mais atenção em estudos de pesquisa como fatores de risco modificáveis, o que pode ajudar a projetar futuras intervenções dietéticas e políticas para prevenir doenças relacionadas à alimentação.
Verga et al. (2022)	Compreender os comportamentos e as práticas alimentares de famílias diante da obesidade infantil.	O processo de transformação das práticas alimentares inicia com reconhecimento dos padrões de comportamento alimentar do sistema familiar, seguindo movimentando-se na direção de buscar modos para alcançar as mudanças necessárias. Pressupõe-se que o sistema familiar fica afastado do equilíbrio, ao vivenciar uma situação de estresse, problema, perturbação ou doença como a obesidade infantil.	A família influencia o comportamento alimentar da criança e contribui para mudanças que ocorrem nele, o que evidencia a relevância da abordagem familiar na atenção à obesidade infantil.

ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONCLUSÃO
Rodeiro et al. (2022)	Compreender a obesidade infantil e a influência que os pais podem ter sobre essa comorbidade.	A obesidade é influenciada por fatores genéticos, ambientais e dietéticos, e a rotina familiar desempenha um papel importante no desenvolvimento e crescimento infantil. Os pais, através de seu estilo de vida e comportamento, têm influência direta na forma como seus filhos lidam com a alimentação.	A relação familiar desempenha um papel crucial no desenvolvimento alimentar e psicossocial das crianças. É essencial fornecer orientação em educação nutricional e promover hábitos saudáveis desde cedo, com a participação ativa da família.
Rojo et al. (2022)	Examinar a inscrição de pacientes no estágio pré-intervenção, as barreiras relatadas pela família, as taxas de atendimento e os preditores subjacentes de atendimento de curto prazo para o gerenciamento da obesidade infantil em crianças de 8 anos a 12 anos.	O envolvimento da família foi um preditor de sucesso para melhores taxas de adesão ao tratamento. Por outro lado, os participantes que participaram de uma breve intervenção padrão, mães com educação primária, maior índice de massa corporal, níveis mais altos de sintomatologia depressiva e comentários mais críticos em relação aos filhos, crianças com maior status de peso e níveis mais baixos de sintomas depressivos auto relatados no início do estudo frequentaram as intervenções com menos frequência.	Em programas futuros, uma triagem abrangente de fatores modificáveis relacionados à família e suas características de configuração é fundamental antes da intervenção, identificando as principais barreiras relacionadas ao abandono, especialmente no caso de famílias menos favorecidas.

Fonte: Próprio Autor.

Vários trabalhos mostraram a necessidade de implementação de ferramentas em clínicas escolares para identificar crianças em risco de obesidade e oferecer orientação antecipada, políticas públicas e orientações nutricionais (Herbenick et al., 2018; Sepúlveda et al., 2019; Sousa, 2019; Kohut, Robbins, Panganiban 2019; De Faria, 2021; Rodeiro et al. 2022; Rojo et al., 2022; Mahmood et al., 2021; Costa et al., 2021; Smith, Fu, Kobayashi, 2020).

Grande parte dos estudos selecionados destacam que os comportamentos parentais de alimentação infantil devem receber mais atenção, pois os pais modelam os hábitos alimentares das crianças influenciando no comportamento, o que evidencia a relevância da abordagem familiar na atenção à obesidade infantil.

DISCUSSÃO

A obesidade em crianças e adolescentes é influenciada por uma série de fatores, como condições genéticas, individuais, comportamentais e ambientais. No Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que 3 milhões de crianças estejam com sobrepeso e 8% delas, o que equivale a aproximadamente 161.800 crianças menores de 10 anos, já sejam consideradas obesas mórbidas (IBGE, 2019). Ademais, conforme o Atlas Mundial de Obesidade 2023 é possível que até um terço das crianças e adolescentes desenvolvam obesidade até 2035 no Brasil (World Obesity Federation, 2023).

De acordo com um relatório público do Sistema Nacional de Vigilância Alimentar e Nutricional (2023), que analisou dados de pessoas acompanhadas na Atenção Primária à Saúde até setembro de 2022, mais de 340 mil crianças entre 5 e 10 anos foram diagnosticadas com obesidade. Em 2021, foram diagnosticadas 356 mil crianças nessa mesma faixa etária. A região Sul do país apresenta o maior índice de crianças obesas,

faixa etária acima, representando 11,52% do total. Em seguida, encontram-se as regiões Sudeste, com 10,41%; Nordeste, com 9,67%; Centro-Oeste, com 9,43%; e Norte, com 6,93% das crianças acompanhadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na região (Ministério da Saúde, 2022).

A partir de um estudo realizado pelo Instituto de Nutrição Josué de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a pedido do Ministério da Saúde, foi constatado que uma em cada dez crianças brasileiras com até 5 anos de idade apresenta excesso de peso. Dos dados analisados, 7% das crianças estão com sobrepeso e 3% foram diagnosticadas com obesidade. Além disso, o estudo revela que cerca de um quinto das crianças nessa faixa etária, o equivalente a 18,6%, está em uma zona de risco de desenvolver sobrepeso (ABESO, 2022).

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) reconhece a obesidade como um problema de saúde pública e destaca a necessidade de intervenções integradas de diversos setores, além da saúde, para combater o avanço da doença e garantir o pleno desenvolvimento na infância. O Ministério da Saúde enfatiza a importância de priorizar ações de promoção da alimentação adequada, prevenção da obesidade e implementação de medidas para criar ambientes alimentares mais saudáveis (Ministério da Saúde, 2022).

Quando a criança ainda é pequena, há uma valorização da corpulência como sinônimo de bebê saudável e bem cuidado, e isso acontece em quase todos os grupos sociais. Mas, com o seu crescimento, na fase escolar, não se espera mais tanta corpulência. Consequentemente, o excesso de peso pode trazer algumas dificuldades em atividades físicas, pois pode começar a ser motivo de "chacotas", as quais se intensificam na fase de adolescência (Santos; Silva, 2020).

A obesidade infantil está associada a um maior risco de desenvolvimento de problemas psicológicos e psiquiátricos. Em adolescentes do sexo feminino e crianças com obesidade grave existe uma maior prevalência de transtornos como depressão,

ansiedade, baixa autoestima e distúrbios alimentares. Esses achados evidenciam a importância de uma abordagem holística para tratar a obesidade infantil, considerando não apenas os aspectos físicos, mas também os emocionais e psicológicos. É fundamental que os profissionais de saúde estejam atentos a esses aspectos e ofereçam suporte adequado às crianças e as suas famílias (Sagar; Gupta, 2018).

A interação positiva entre pais/cuidadores e crianças é imprescindível para a prevenção da obesidade infantil. Relacionamentos saudáveis e afetivos podem influenciar as escolhas alimentares e os comportamentos das crianças, promovendo hábitos saudáveis desde idades mais precoces. Isso envolve a criação de um ambiente familiar encorajador, onde os pais estejam envolvidos na alimentação dos filhos; estabelecem refeições regulares em família; e incentivam a prática de atividade física conjunta. Além do mais, o suporte emocional fornecido pelos pais pode ajudar as crianças a lidarem com o estresse e as emoções, evitando comportamentos alimentares prejudiciais (Anderson; Keim, 2017).

Crianças com excesso de peso têm maior propensão a enfrentar desafios emocionais, como depressão, ansiedade, baixa autoestima e estresse psicológico. Essas condições podem ter impacto negativo no bem-estar geral da criança. Portanto, é essencial abordar tanto os aspectos físicos quanto os psicossociais da obesidade infantil, oferecendo suporte emocional e psicológico adequado, além de encorajar mudanças de estilo de vida saudáveis (Mendes; Bastos; Moraes, 2019; Sousa, 2019; Sutaria et al. 2019).

Estudos realizados por Mendes et al. (2019), Sousa (2019) e Sutaria et al. (2019) apontaram fortes evidências de que crianças obesas do sexo feminino têm uma chance significativamente maior de depressão em comparação com crianças do sexo feminino com peso normal, e esse risco persiste na idade adulta.

Estudo desenvolvido por Rendina et al. (2019) relatou que inúmeros autores e grupos de trabalho tentaram desenvolver instrumentos metodológicos para garantir uma análise confiável de um ambiente obesogênico, surgindo um número relativamente grande de questionários *Ad Hoc*, mas com características diferentes. Todos esses questionários tinham como objetivo identificar os fatores que contribuem significativamente para a criação de um ambiente obesogênico para crianças e adolescentes. Esses questionários avaliaram: estabelecimentos de comercialização de alimentos (ESAO -s e o ESAO-r) englobando itens como disponibilidade de alimentos, preços de alimentos saudáveis e não saudáveis, quantidade de marcas e variedade; ou facilitadores e barreiras para uma alimentação saudável em restaurantes, verificando a disponibilidade de informações nutricionais próximo ao ponto de venda ou no cardápio, presença de marketing de alimentos no menu, dentre outros. Contudo, todos esses instrumentos elaborados e validados para analisar vários elementos constitutivos de um ambiente obesogênico são complexos e devem ser aplicados por pessoal qualificado e devidamente capacitados. Assim, concluíram que o uso de questionários simples parece ser a melhor estratégia para analisar vários elementos-chave do ambiente de obesidade, eliminando (ou pelo menos minimizando) a possibilidade de erros devido às más interpretações.

Destaca-se a relevância da intervenção familiar no tratamento da obesidade infantil. A influência dos pais no ambiente alimentar e nos comportamentos das crianças desempenha um papel fundamental na prevenção e no gerenciamento da obesidade. É importante educar os pais sobre nutrição adequada, alimentação balanceada e oferecer estratégias práticas para melhorar os hábitos alimentares da família como um todo. Além disso, incentivar a prática de atividade física e promover um estilo de vida saudável no ambiente familiar contribui para o sucesso do

tratamento (Bergmeier, 2020; Norman, 2018; Sepúlveda, 2020).

O estudo de Mahmood et al. (2021, p. 10) concluiu que:

[...] os pais devem evitar pressões ou restrições excessivas, pois podem criar uma experiência social e emocional negativa que pode afetar a aceitação dos alimentos pelas crianças. Em vez disso, os pais devem incentivar seus filhos a fazer lanches saudáveis, bem como a não pular o café da manhã. Isso pode ser alcançado por meio de modelagem social positiva e ativa, bem como de restrição moderada.

Programas de atenção envolvendo profissionais de saúde, como médicos, nutricionistas, psicólogos e educadores físicos, que trabalham em conjunto para fornecer orientação nutricional, incentivar a prática regular de atividade física e fornecer apoio psicossocial voltados para o controle do peso, são reconhecidos como eficazes, pois tais intervenções têm mostrado resultados positivos na redução do índice de massa corporal de crianças, na melhora da saúde cardiometabólica e do bem-estar emocional (Seo, 2019; Sepúlveda, 2020; Kohut, 2019).

Os pais devem receber informações e orientações sobre a alimentação dos filhos, e sobre a influência que a sua própria dieta pode exercer nas crianças e adolescentes, com o intuito de fazerem melhores escolhas alimentares e serem exemplos para seus filhos (Mahmood et al., 2021).

No geral, os estudos reforçam a importância de uma abordagem abrangente para prevenção e tratamento da obesidade infantil, envolvendo não apenas aspectos físicos, mas também fatores psicológicos, familiares e sociais. A promoção de relacionamentos positivos entre pais/cuidadores e crianças, o suporte emocional, a intervenção familiar, a abordagem multidisciplinar e a atenção à saúde mental são aspectos cruciais a serem considerados no combate à obesidade infantil.

CONCLUSÃO

Com base nos dados apresentados, verifica-se que há uma associação significativa entre psicopatologia e obesidade infantil. A depressão e a ansiedade foram identificadas como condições comuns em crianças obesas, destacando a importância da detecção e tratamento adequado dessas patologias para evitar possíveis complicações orgânicas e neurológicas.

É importante considerar a implementação de ferramentas de identificação precoce de crianças em risco de excesso de peso, com o objetivo de fornecer orientação e tratamento precoce, além da criação e implementação de políticas públicas e diretrizes nutricionais para essa finalidade. Os comportamentos parentais em relação à alimentação infantil também desempenham um papel decisivo no desenvolvimento da obesidade, destacando a importância da abordagem familiar no combate a esse quadro.

Novas pesquisas devem explorar os aspectos relacionados às dificuldades do sistema familiar no processo de transformação dos seus padrões de comportamento alimentar, pois há famílias que possuem dificuldade em seguir orientações e condutas de mudanças de hábitos alimentares. Deve-se levar em consideração costumes, religião, condições financeiras, entre outros fatores.

Portanto, a obesidade infantil é um problema de saúde pública global e abordagens integradas são necessárias para enfrentá-la. É crucial considerar os aspectos físicos, psicológicos, familiares e sociais envolvidos na obesidade infantil, oferecendo suporte emocional, orientação nutricional, intervenção familiar e programas multidisciplinares de estilo de vida. Essas medidas podem contribuir significativamente para a prevenção e o tratamento da obesidade infantil, promovendo o bem-estar físico e mental de crianças e adolescentes e prevenindo possíveis complicações futuras.

CHILDHOOD OBESITY: PSYCHOSOCIAL CONSEQUENCES AND FAMILY INFLUENCE

ABSTRACT: The WHO projected that by 2025, without a reversal of the current trend, there will be 75 million obese children. Childhood obesity not only impacts physical health but also undermines psychosocial well-being, predisposing individuals to issues such as depression, anxiety, low self-esteem, and negative body image. The influence of parents on dietary habits and the importance of nutritional education in preventing and treating childhood obesity are paramount. In this study, a literature review was conducted between 2017 and 2023 on the psychosocial consequences of childhood obesity and parental influence on dietary habits, analyzing 23 studies. The findings underscored the significance of nutritional education in preventing and treating childhood obesity, along with the need to engage parents in this process. The discussion explores parental influence on children's eating behavior and the psychosocial implications of childhood obesity. It is concluded that a comprehensive approach involving family and nutritional education is essential for the prevention and treatment of childhood obesity.

KEYWORDS: Child. Obesity. Psychosocial. Adolescent.

REFERÊNCIAS

ABESO. **Posicionamento sobre o tratamento nutricional do sobrepeso e da obesidade: departamento de nutrição da Associação Brasileira para o estudo da obesidade e da síndrome metabólica.** Coordenação Renata Bressan Pepe [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo: Abeso, 2022.

ANDERSON, Sarah E.; KEIM, Sarah A. Parent-child interaction, self-regulation, and obesity prevention in early childhood. **Current obesity reports**, v. 5, p. 192-200, 2016.

BERGMEIER, Heidi et al. Early mother-child dyadic pathways to childhood obesity risk: A conceptual model. **Appetite**, v. 144, p. 104459, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno temático do Programa Saúde na Escola: alimentação saudável e prevenção da obesidade** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Ministério da Educação. – Brasília : Ministério da Saúde, 2022.

COSTA, Douglas Almeida et al. Repercussões clínicas, endócrinas e psicológicas da obesidade infantil: uma revisão de literatura Clinical, endocrine and psychological repercussions of childhood obesity: an literature review. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 83068-83083, 2021.

DA SILVA, Érica Jamile et al. Políticas públicas de combate à obesidade infantil uma visão do Brasil e do mundo. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 1, p. 2416-2425, 2022.

DE FARIA, Eliane Cristina. Interferência da família na obesidade infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 276-294, 2021.

DOS SANTOS, Gabriela Martins; DA SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Obesidade infantil e seus impactos psicológicos e sociais. **Intercontinental Journal on Physical Education ISSN 2675-0333**, v. 2, n. 3, p. 0-1, 2020.

HERBENICK, Sara K. et al. Effects of family nutrition and physical activity screening for obesity risk in school-age children. **Journal for Specialists in Pediatric Nursing**, v. 23, n. 4, p. e12229, 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento.

JEBEILE, Hiba et al. Obesity in children and adolescents: epidemiology, causes, assessment, and management. **The Lancet Diabetes & Endocrinology**, 2022.

KOHUT, Taisa; ROBBINS, Jennifer; PANGANIBAN, Jennifer. Update on childhood/adolescent obesity and its sequela. **Curr Opin Pediatr**, v. 31, n. 5, p. 645-653, 2019.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

MAHMOOD, Lubna et al. The influence of parental dietary behaviors and practices on children's eating habits. **Nutrients**, v. 13, n. 4, p. 1138, 2021.

MENDES, Juliana de Oliveira Hassel; BASTOS, Rita de Cássia; MORAES, Priscilla Machado. Características psicológicas e relações familiares na obesidade infantil: uma revisão sistemática. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 22, n. 2, p. 228-247, 2019.

NORMAN, Åsa et al. Parental strategies for influencing the diet of their children—A qualitative study from disadvantaged areas. **Appetite**, v. 125, p. 502-511, 2018.

ORTEGA, Rosa M. et al. Childhood obesity as a health priority. Guidelines for improving weight control. **Nutricion Hospitalaria**, v. 39, n. Spec No3, p. 35-38, 2022.

RAO, Wen-Wang et al. Obesity increases the risk of depression in children and adolescents: Results from a systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 267, p. 78-85, 2020.

RENDINA, D. et al. Methodological approach to the assessment of the obesogenic environment in children and adolescents: A review of the literature. **Nutrition, Metabolism and Cardiovascular Diseases**, v. 29, n. 6, p. 561-571, 2019.

RODEIRO, Tâmara Campos Xavier et al. A gravidade da obesidade na infância e o papel dos pais na influência nutricional dos seus filhos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 4, p. e10175-e10175, 2022.

RODRIGUES, E.S. Camilla; BARBOSA, K. R.B; SANTANA, T.N.G; GRATÃO, L.H.A; GOIS, B.P. Influência dos pais sobre o hábito alimentar na infância: revisão integrativa. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, v. 18, n. 37; p. 286, 2021.

ROJO, Marta et al. Family-reported barriers and predictors of short-term attendance in a multidisciplinary intervention for managing childhood obesity: A psycho-family-system based randomised controlled trial (ENTREN-F). **European Eating Disorders Review**, v. 30, n. 6, p. 746-759, 2022.

SAGAR, Rajesh; GUPTA, Tanu. Psychological Aspects of Obesity in Children and Adolescents. **Indian journal of pediatrics**, v. 85, n. 7, p. 554-559, 2018.

SEO, Young-Gyun et al. The effect of a multidisciplinary lifestyle intervention on obesity status, body composition, physical fitness, and cardiometabolic risk markers in children and adolescents with obesity. **Nutrients**, v. 11, n. 1, p. 137, 2019.

SEPÚLVEDA, A.R.; SOLANO, S.; BLANCO, M.; LACRUZ, T.; VEIGA, O. Feasibility, acceptability, and effectiveness of a multidisciplinary intervention in childhood obesity from primary care: Nutrition, physical activity, emotional regulation, and family. **Eur. Eat. Disord. Rev.**, v. 28, p. 184–198, 2019.

SEPÚLVEDA, A.R.; LACRUZ, T.; SOLANO, S.; BLANCO, M.; MORENO, A.; ROJO, M.; et al. Identifying loss of control eating within childhood obesity: the importance of family environment and Child Psychological Distress. **Children (Basel)**, v. 7, n. 11, p. 225, 2020.

SMITH, Justin D.; FU, Emily; KOBAYASHI, Marissa A. Prevention and management of childhood obesity and its psychological and health comorbidities. **Annual review of clinical psychology**, v. 16, p. 351-378, 2020.

SANTOS, Gabriela M.; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Obesidade infantil e seus impactos psicológicos e sociais. **Intercontinental Journal on Physical Education**, v. 2, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.ijpe.periodikos.com.br/article/5fcdad720e88258f125fa0e4>

SOUSA, Érica Carneiro de. **Fatores psicossociais desencadeados pela obesidade infantil: uma revisão de literatura**. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2019.

SUTARIA, Shailen et al. Is obesity associated with depression in children? Systematic review and meta-analysis. **Archives of disease in childhood**, v. 104, n. 1, p. 64-74, 2019.

VERGA, Samea Marine Pimentel et al. O sistema familiar buscando a transformação do seu comportamento alimentar diante da obesidade infantil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, 2022.

WORLD OBESITY FEDERATION. **World Obesity Atlas 2023**. Disponível em: https://pt.worldobesityday.org/assets/downloads/World_Obesity_Atlas_2023_Report.pdf. Acesso em: 18 de agosto de 2023.